

2009 - I Congresso Lusófono sobre Ambiente e Energia (Comunicação Social e Ambiente)

I Congresso Lusófono sobre Ambiente e Energia (Comunicação Social e Ambiente)

por: Eugénio Costa Almeida © Estoril, 21-22/Setembro/2009 Tema: "Se o possível se faz todos os dias... tentemos o impossível";

Além de saudar, em primeiro lugar, todos os presentes, quero desde já agradecer, e de imediato, o amável convite que a Comissão Organizadora do 1º Congresso Lusófono de Ambiente e Energia me propiciou, via portal noticioso Notícias Lusófonas (<http://www.noticiaslusofonas.com>), para estar neste Congresso, e neste Workshop, em particular. Deixem-me, primeiro, elucidar que estou em representação do jornalista Norberto Hossi, director do NL a quem, inicialmente, foi endereçado o convite. Todavia, por razões profissionais e particulares, Norberto Hossi não pode estar presente e a sua solicitação fez reenviar o convite para mim em concordância com a ilustre Comissão deste Congresso. Este intróito deve-se — e considero exigível esta citação — porque apesar de colaborar com diferentes órgãos de informação lusófonos (portugueses — semanário regional Frente Oeste e Jornal de Notícias, como comentador), principalmente, angolanos (Semanário Angolense), santomenses (semanário Correio da Semana) e, esporadicamente, com moçambicanos além de ver artigos de opinião também transcritos em portais internacionais e cabo-verdianos) não sou jornalista, na verdadeira acepção da palavra; e muito menos um produtor de conteúdos.

Permitam-me que recorde que o Notícias Lusófona é, desde 1997, o único jornal que se dedica exclusivamente à informação para os mais de 220 milhões de cidadãos que em todo o mundo falam português.

Serei, quanto muito, um mero colunista ou colaborador, no caso do NL com mais de dois anos e meio de colaboração permanente e regular — e por isso mesmo um membro ainda que discreto e longínquo da Comunicação Social — que vai debitando algumas preocupações cívicas e que penso poder contribuir para algum entendimento mais interessante das áreas que melhor conheço.

E por essa razão que aqui estou. Para tentar dar o meu contributo para, enquanto membro dessa classe, um pouco cada vez mais quase desaproveitada em favor daqueles que se limitam a dizer "yes man", deixar que outros pensem por ele e limitar-se a dedilhar num qualquer teclado tudo o que lhe foi previamente encomendado, abordar como deve, na minha perspectiva, a Comunicação social abordar um tema tão cadente quanto cada vez mais actual que é o Ambiente.

Como pode a Comunicação Social dar esse contributo? Tem-no feito das mais variadíssimas formas. Alguns dos meus companheiros de mesa já deram mostras de como isso é possível e desejável.

O problema, é que os decisores continuam a manter uma considerável distância entre os meios comunicacionais e eles. Talvez que as propostas que surgem nos media não sejam, mais que exequíveis, tão baratas. Mas como nos recordamos com as minas terrestres, estas custam substancialmente pouco quando novas e tornam-se extraordinariamente insuportáveis a sua retirada dos campos minados. Fala-se, ou costumam falar na ordem de 1 para 100, ou seja, por cada dólar que custa uma mina, fazer a sua retirada dos campos minados, ou seja, desminar, fica por cerca de 100 dólares.

Também no Ambiente essa disparidade se torna tão evidente com a dupla particularidade de, enquanto numa desminagem as vítimas poderão "ser colaterais", no Ambiente as vítimas somos todos nós porque a Humanidade — e os seus líderes — se limita (ou limitaram-se) a pensar só nos benefícios imediatos que as grandes invenções — algumas das quais quase sem proveito algum para a maioria das populações — não questionando as eventuais consequências; talvez porque os benefícios visíveis eram mais vantajosos que a busca de eventuais causas colaterais, e quando se aperceberam os interesses dos Estado e económicos têm falado mais alto que os interesses subjacentes à salvaguarda de um Planeta que se nos oferece como a nossa principal e ainda única casa planetária.

Pode a Comunicação Social fazer alguma coisa mais do que tem feito? É claro que sim! Mas para isso necessita deixar de estar subordinada aos interesses económicos dos grandes empórios e às ordens do chamado desenvolvimento nacional imperativo.

Reconheço que falar é muito fácil. O problema é que a maioria dos órgãos de Comunicação Social vivem — ou sobrevivem — das ajudas que esses mesmos empórios facultam e não é — ou será — muito benquisto que se "morda" a mão que nos dá comida. Também, neste aspecto particular, o NL é um exemplo diferente, razão pela qual nele se respira um puro ambiente de liberdade lusófona.

Mas, o interesse da Humanidade não deveria prevalecer sobre os interesses particulares?

Isso foi, ou tem sido, o que nos ensinam há muitos anos. Mas também nos ensinam que a independência e desenvolvimento nacional se deve sobrepor aos interesses externos e, não poucas vezes, aos nossos próprios interesses.

Só assim se explica como da República Popular da China nos chegam imagens que têm tanto de deprimentes como incompreensíveis para uma comunidade internacional como o abandono a céu aberto de produtos químicos altamente cancerígenos e crianças brinquem no mesmo espaço territorial.

Só assim se apreende que petroleiros e outros grandes navios despejem os detritos resultantes das lavagens dos seus convés e interiores, algumas das quais “oferecem-nos” quantidades enormes de hidrocarbonetos (que são derramados em alto-mar, mas dentro, muitas vezes, da zona económica exclusiva), e se lhes apliquem pequenas multas – quando são detectados – que pela sua irrisoridade são logo liquidadas porque os interesses económicos que se avizinham são mais fortes e vantajosas que o valor das multas aplicadas.

Como se compreende que produtores de gado – porcino ou vacum – despejem os detritos resultantes das lavagens dos currais directamente para os ribeiros e riachos e nunca, ou quase nunca, sejam detectados. E quando o são, as multas – pelo menos até há pouco eram assim, embora me recorde ter lido algures que havia uma proposta em mesa para serem fortemente penalizados – são tão irrisórias que, passe a ironia, a venda de ¼ de um porco pagá-las-ias rapidamente.

Como se entende que uma cidade, capital de um país que está em pleno desenvolvimento, onde o dinheiro é contado em notas grossas de dólares e não em “meros” tostões, continue a ver jorrar do seu interior para as ruas – quando se podem chamar de ruas – os dejectos dos esgotos sem que os mesmos sejam tratados – é certo que cada passo deve ter o seu passo –, as sarjetas limpas e protegidas dos impactos externos, as tampas de esgoto fechadas?

Infelizmente foi isso que vi em algumas ruas da cidade de Luanda, nomeadamente na zona nobre da baixa luandense, quando, ainda recentemente, lá estive a proferir uma conferência. E, acreditem, como me doeu tanto – até porque também sou angolano – ver algumas das suas principais artérias daquela cidade em tão mau estado como pequenos ribeiros de esgotos.

E onde é que está a Comunicação Social que raramente se debruça sobre esta matéria? nem a oficial, nem a privada ou independente. É evidente que há valores que se tornam mais preocupantes quer para a população que já está habituada a esta situação como para os dirigentes. Valores políticos e económicos, principalmente aqueles que estes, que se sobrepõem a valores sociais.

Mas não é na salubridade e com um bom Ambiente que a Humanidade melhor contribui para o desenvolvimento do seu País ou da sua região? Parece-me que sim. Pelo menos assim o creio.

E aqui cabe a existência de um papel importante – ressaltaria e diria importantíssimo – da Comunicação Social na educação ambiental junto das populações. E, no caso dos países afro-lusófonos e em Timor-Leste, ou mesmo no Brasil e em Portugal, caberão aos pequenos semanários independentes, ou privados, regionais ou nacionais, às rádios comunitárias e aos – que ainda surgem em alguns países – os jornais de parede a ajudar nesse desígnio ultra-nacional que passa pela defesa do Ambiente.

Um país com um Ambiente minimamente aceitável é, sem sombra de dúvida, um país feliz onde o equilíbrio social predomina e, por esse facto, harmoniza as relações pessoais, económicas e políticas nacionais e, porque não dizê-lo, regionais e internacionais.

E, nisso, não podemos deixar de reafirmar que é na Comunicação Social, como complemento a outras actividades sociais e políticas – infelizmente estas estão sempre, parece, esquecidas dessa realidade – que o Ambiente deverá encontrar o seu maior e mais eficaz meio publicitário para chegar a mais pessoas e aos maiores e, simultaneamente, menos afortunados agregados populacionais. Temos essa responsabilidade de ser os seus maiores, melhores e mais capazes e idóneos formadores!

E, para terminar, deixem-me formular aqui algumas questões:

– Devemos, ou não, acreditar que estamos num ponto de viragem da economia em que o objectivo das empresas não se concentra apenas em ganhar dinheiro e se aproxima de preocupações éticas e ambientais?

– Ultrapassando o peso e influência de muitos países, qual deverá ser o papel das grandes multinacionais em relação ao ambiente?

– Será possível lucrar com o valor das necessidades sociais?

– Devemos acreditar que o nosso desejo de exigir um mundo melhor, supera o nosso desejo de obter bens rápidos e baratos?

Fica à vossa consideração e ponderação!22 de Setembro 2009(Organização de Agência Cascais energia, CMCascais,
Faculdade Ciências e Tecnologia-Univ. Nova de Lisboa)